

P2  R E S I L I S

# Resiliência e sustentabilidade na produção de cereja e pêsego



**P2-Resilis**

**Resiliência e sustentabilidade  
na produção de cereja e pêssego**

**Maria Paula Simões**

(COORDENAÇÃO)

## **Ficha Técnica**

**Título:** P2-Resilis – Resiliência e sustentabilidade na produção de cereja e pêssogo

**Coordenação:** Maria Paula Simões

**Editor:** COTHN-CC – Centro Operativo e Tecnológico Hortofrutícola Nacional  
– Centro de Competências

### **Autores e copyright:**

Abel Veloso

António Canatário Duarte

Carmo Horta

Cristina Canavarro

Diogo Coelho

Fernanda Delgado

Filipe Costa

Francisco Chasqueira

Filipe Gomes

Francisco Vieira

Helena Mateus

Isabel Castanheira

José Assunção

José Carlos Gonçalves

Luís Pinto de Andrade

Maria Paula Simões

Maria Teresa Rebelo

Mónica Bouça

Paulo Silvino

Vera Silva

Violette Geissen

**Revisão:** Maria Carmo Horta

**Design Editorial:** SUPER Brand Consultants

**Tiragem:** 200 exemplares

**Impressão e Acabamento:** Empresa Diário do Porto, Lda

**Data de Impressão:** novembro 2025

**ISBN:** 978-972-8785-40-6

## Capítulo 1

# Produção de cereja e pêsego na região da Beira Interior

**Abel Veloso<sup>1,2,3</sup>, Maria Paula Simões<sup>1,2</sup> e Filipe Costa<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Castelo Branco | Escola Superior Agrária

<sup>2</sup> Centro de Estudos de Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (CERNAS)

<sup>3</sup> Soil Physics and Land Management Group | Wageningen University and Research

<sup>4</sup> Cerfundão, Lda.

## 1.1 Introdução

À semelhança de outras regiões do interior Português, a Beira Interior apresenta condições climáticas mais extremas que se adequam à produção de Prunóideas e, em particular, de cereja e pêsego. De facto, as baixas temperaturas que habitualmente se verificam durante o inverno resultam num adequado número de horas de frio. Já as temperaturas elevadas e a baixa pluviosidade que ocorrem durante o final da primavera e o verão tornam-se adequadas ao desenvolvimento e maturação dos frutos. Para além disso, a tradição de cultivo frutícola desta região originou um elevado conhecimento técnico associado à gestão da cultura e permitiu desenvolver circuitos de distribuição importantes para o escoamento da produção.

## 1.2 Produção de cereja

A produção mundial de cereja, em 2023, totalizou aproximadamente 3 milhões de toneladas (Quadro 1.1) e Portugal ocupou o 28º lugar, com uma produção total de 11 810 toneladas e uma área total ocupada pela cultura de 6 470 ha.

**Quadro 1.1** – Principais produtores de cereja em 2023.

País	Produção		Área		Produtividade t/ha
	t	%	ha	%	
Turquia	736 791	24,9	79 862	17,3	9,2
Chile	465 348	15,7	63 495	13,7	7,3
Estados Unidos da América	321 420	10,8	35 208	7,6	9,1
Uzbequistão	218 867	7,4	16 440	3,6	13,3
Irão	144 877	4,9	20 459	4,4	7,1
Portugal (28ª posição)	11 810	0,4	6 470	1,4	1,8
<b>Mundo</b>	<b>2 963 781</b>	<b>100,0</b>	<b>462 868</b>	<b>100,0</b>	<b>6,4</b>

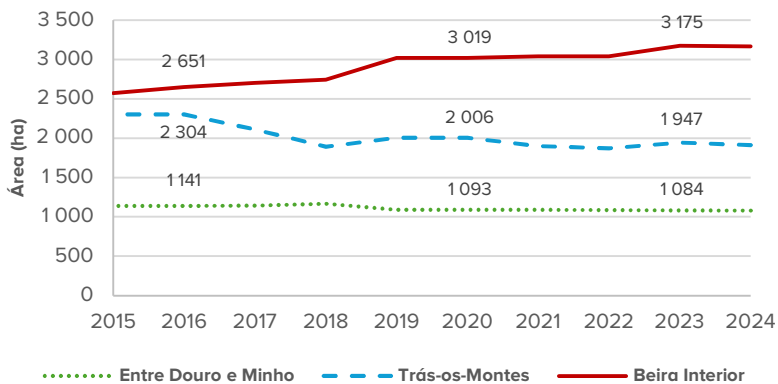
Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

A Turquia, o Chile e os Estados Unidos da América foram os 3 maiores produtores representando, respetivamente, 24,9%, 15,7% e 10,8% da produção mundial.

A área mundial de produção de cereja foi de 462 868 ha, e a produtividade global é de 6,4 t/ha. De acordo com a FAO (2025), a produtividade da cereja em Portugal é de 1,8 t/ha, valor muito baixo, que pode resultar da contabilização de área correspondente a cerejeiras dispersas, e, também de parcelas de pequenas dimensões associadas a uma economia familiar e de complemento de rendimento económico.

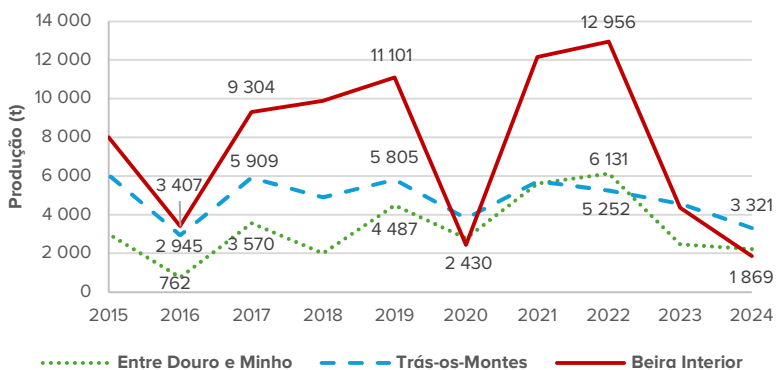
Em Portugal, as 3 principais regiões agrárias de produção de cereja são, por ordem decrescente, a Beira Interior, Trás-os-Montes e o Entre Douro e Minho (Figura 1.1).

A área ocupada por cerejeira na Beira Interior aumentou desde 2015 até 2024, passando de 2 575 ha (em 2015) para 3 167 ha (em 2024). Comparativamente às regiões de Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho, verifica-se que é a única região onde se observou um aumento de área. A região de Entre Douro e Minho mantém-se nos 1 100 ha e a região de Trás-os-Montes nos 2 000 ha.



**Figura 1.1** – Evolução da área de produção de cereja das 3 principais regiões de produção de Portugal. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

A produção nem sempre acompanhou essa tendência devido, principalmente, a fatores meteorológicos imprevisíveis que, em anos como 2016, 2020, 2023 e 2024, provocaram quebras importantes na produção (Figura 1.2). Em 2020 a produção foi de 2430 t, em 2023 foi de 3321 t e em 2024 foi de 1869 t, o que representa uma quebra de produção de aproximadamente 80% a 85% se considerarmos 11 000 t como uma produção espectral.



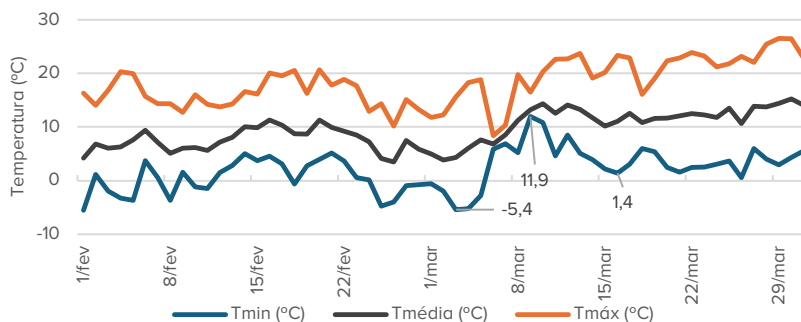
**Figura 1.2** – Produção de cereja, no período de 2015-2025, das 3 principais regiões de produção de Portugal. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

No **ciclo 2020**, correspondendo ao ano do 1º confinamento por Covid19, ocorreu um pesado nevão em 31 de março, afetando o vingamento das flores nas cultivares que se encontravam em plena floração e provocando a queda dos frutos nas cultivares que já tinham os frutos vingados (início do seu desenvolvimento), que é uma das fases mais sensíveis às baixas temperaturas (Velarde, 1989). Considerando que há uma parte significativa da área de produção de cereja que se estende nas encostas da serra da Gardunha, o efeito da neve foi ainda mais intenso nesta zona de cota mais elevada, pois a neve permaneceu durante um período mais longo e com temperaturas ainda mais negativas. Podemos considerar que a ocorrência de neve em 31 de março é um fenómeno climático extremo, tendo como referência a normal climatológica do mês de março que se caracteriza por  $T_{médica}$  de 11,4°C,  $T_{máxima}$  de 17,7°C e  $T_{mínima}$  de 6,0°C (Horta e Nunes, 2017).



**Figura 1.3** – Grande nevão em 31 de março de 2020, que coincidiu com a floração de algumas cultivares e início do desenvolvimento do fruto de outras cultivares.

No **ciclo 2023**, o vingamento das flores da maior das cultivares também foi muito baixo, devido à ocorrência de um fenómeno invulgar, que foi grande oscilação de temperatura durante o mês de março (Figura 1.4).



**Figura 1.4** – Média de temperatura máxima, temperatura média e temperatura mínima, do mês de fevereiro e março de 2023, na Estação Meteorológica da Bortalheira.

Com efeito, em 2023, o mês de janeiro e fevereiro caracterizaram-se por temperaturas baixas, completando as necessidades de horas de frio das cerejeiras. E, em março, onde ocorre o período de floração da cerejeira, observaram-se grandes oscilações de temperatura, como se pode observar na Figura 1.4. No final de fevereiro e início de março, mais concretamente, entre 25 de fevereiro a 5 de março, a média da temperatura mínima foi sempre negativa, entre  $-4,8^{\circ}\text{C}$  e  $-0,6^{\circ}\text{C}$ , e, nos 7 dias seguintes, correspondente a 6 a 14 de março, a média da temperatura mínima foi de  $7,3^{\circ}\text{C}$ , resultando de valores de temperatura mínima entre  $5,2^{\circ}\text{C}$  e  $11,9^{\circ}\text{C}$ , indicando noites muito anemas. No restante mês de março, a média da temperatura mínima foi de  $3,5^{\circ}\text{C}$ , ou seja, uma temperatura mínima bastante baixa se considerarmos que a normal climatológica é de  $T_{\text{mínima}} 6^{\circ}\text{C}$ . Estas condições de alternância muito rápida de dias bastante frios e dias muito quentes, conduziu a um desenvolvimento vegetativo intenso, logo no início do abrolhamento (Figura 1.5). Quando, o desenvolvimento dos gomos florais é simultâneo com o desenvolvimento dos gomos foliares, o crescimento vegetativo apresenta maior capacidade de captura de nutrientes, o que conduz a menor disponibilidade para os processos de vingamento das flores, e, conseqüentemente resulta numa taxa de vingamento mais baixa. Num ano regular, observa-se primeiro o desenvolvimento dos gomos florais e já só na queda das pétalas se observa o desenvolvimento dos gomos foliares (Simões, 2023). A baixa taxa de vingamento também foi condicionada pela redução do Período Efectivo de Polinização (PEP) onde a recetividade do óvulo e posterior fecundação é muito reduzida para temperaturas superiores a  $20^{\circ}\text{C}$ .



**Figura 1.5** – Floração de ramo de cerejeira onde é visível um estado avançado do desenvolvimento dos gomos foliares, simultaneamente com a plena floração.

Para além da baixa taxa de vingamento, entre 6 e 9 de junho, ocorreu um novo período de precipitação, registando-se 79 mm, na zona norte da serra da Gardunha.

No **ciclo 2024**, foi o terceiro ciclo de baixa produção na década 2020, resultando também de condições meteorológicas adversas e pouco usuais na região, que foi a ocorrência de chuva intensa e durante dias consecutivos durante março e abril e, posteriormente, em plena época de maturação e colheita. A precipitação no período de floração levou a uma baixa taxa de vingamento de um conjunto vasto de cultivares, mas, a precipitação durante a maturação correspondeu a elevadas quebras de produção devido ao rachamento dos frutos, naquelas cultivares que ainda apresentavam uma boa carga de frutos (Figura 1.5).



**Figura 1.5** – Período prolongado de chuva durante maio e junho, período de maturação das cerejeiras, em 2024. À esquerda, cultivar Folfer, na Quinta da Lourena, em 2024-05-29, onde 90% dos frutos estavam rachados.

---

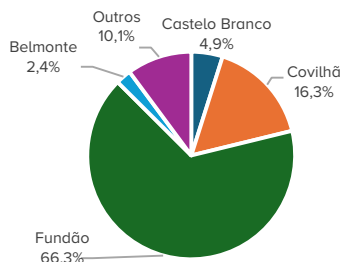
## A RETER

**Em 2023, a área de produção de cereja em Portugal foi de 6 470 ha e na Beira Interior foi de 3 100 ha. A produção de cereja na Beira Interior atingiu um máximo de 12 000 t em 2022, mas caracterizou-se por uma grande irregularidade da produção nos últimos 5 anos, associada ao quadro de alterações climáticas, com ocorrência muito frequente de fenómenos extremos.**

---

Na Beira Interior, a produção de cereja localiza-se maioritariamente no concelho do Fundão, que corresponde a 66,3% da área total de cerejeira dessa região agrícola (Figura 1.6).

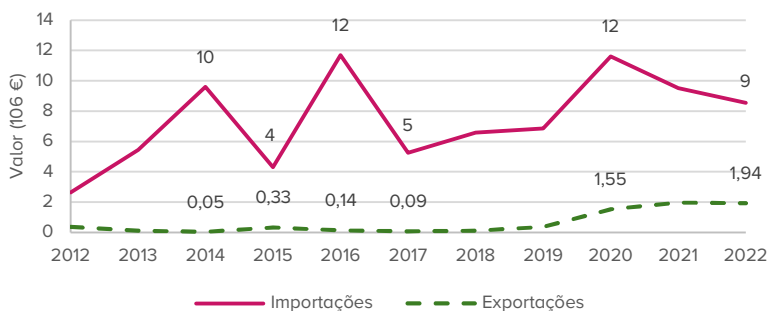
É de destacar a área localizada na serra da Gardunha com pomares em socalcos e a zona a sul da Gardunha, correspondente maioritariamente às freguesias de Castelo Novo, Atalaia do Campo, Póvoa de Atalaia, Soalheira, Louriçal do Campo e Lardosa, com pomares que se desenvolvem em zona plana. A Covilhã é o segundo concelho com maior área dedicada à produção de cereja, com 16,3%, sendo a freguesia do Ferro e Peraboa onde se localizam a maioria dos pomares.



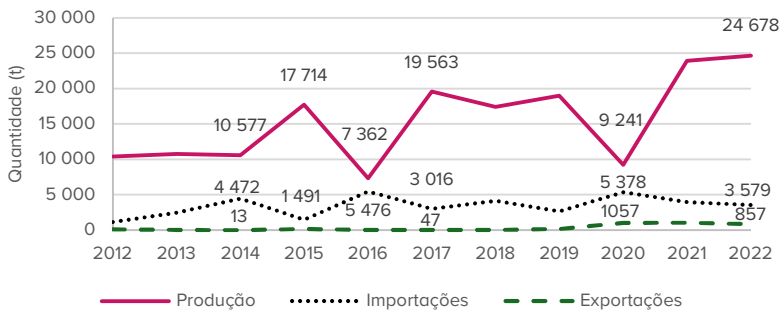
**Figura 1.6** - Distribuição da área ocupada por pomares de cerejeira nos municípios da Beira Interior. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

## 1.2.1 Balança comercial nacional da cereja

O nosso País importou, no ano de 2022, 8,5 milhões de euros em cereja tendo-se aproximado dos 11,6 milhões de euros em 2020 durante a pandemia, com a produção de cereja na Beira Interior a registar prejuízos avultados devido à quebra de produção referida no ponto anterior. As exportações representavam um valor residual de 1,9 milhões de euros, originando um défice na balança comercial de 6,6 milhões de euros em 2022 (Figuras 1.7 e 1.8).

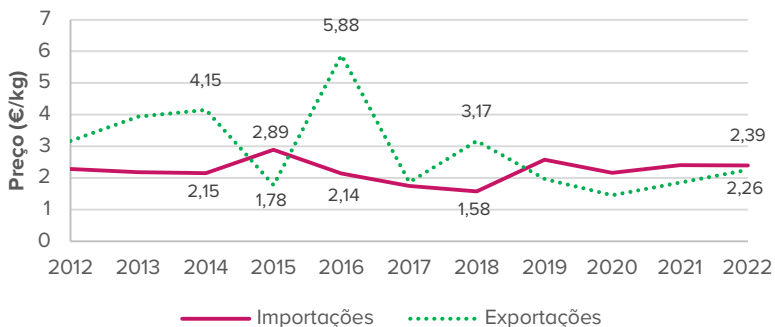


**Figura 1.7** – Balança comercial da cereja nacional em valor entre 2012 e 2022. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]



**Figura 1.8** – Balança comercial da cereja nacional em quantidade entre 2012 e 2022.  
Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

Os preços médios de importação têm variado muito pouco na última década, próximos de 2,39 €/kg em 2022 (Figura 1.9). As valorizações da cereja exportada têm apresentado maiores oscilações com um valor final em 2022 de 2,26 €/kg, inferior em 0,13 €/kg, à cotação de importação. De destacar a elevada cotação de exportação registada em 2016, próxima de 6 €/kg, mas que corresponde a uma quantidade exportada muito pequena (Figura 1.9).



**Figura 1.9** – Balança comercial da cereja nacional em preço (€/kg) entre 2012 e 2022.  
Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

A produção de cereja nacional é deficitária para os atuais níveis de consumo sendo necessário importar 15% da produção, considerando os dados de 2022, o mais próximo de um ano normal. Se descontarmos as exportações, temos um nível de autoaprovisionamento de 85%. As exportações são muito pouco relevantes com um valor de 857 toneladas em 2022 (Figura 1.8).

---

## A RETER

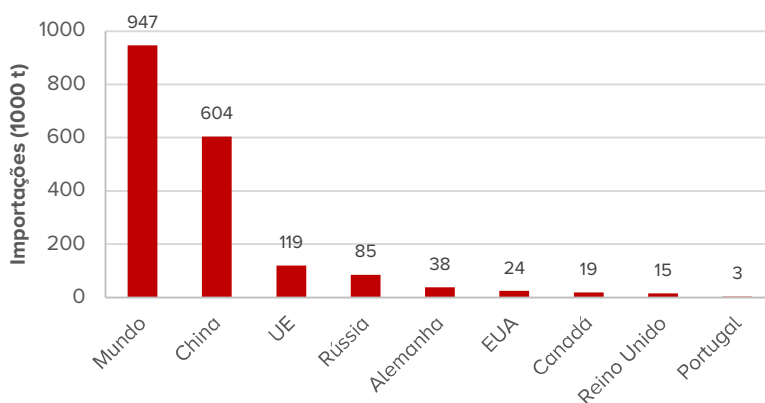
**Em 2022, o nosso País importou 8,5 milhões de euros em cereja tendo-se aproximado dos 11,6 milhões de euros em 2020. O défice da balança comercial foi de 6,6 milhões de euros. Se descontarmos as exportações, o nível de autoaproveitamento foi de 85%.**

---

### 1.2.2 Balança comercial internacional da cereja

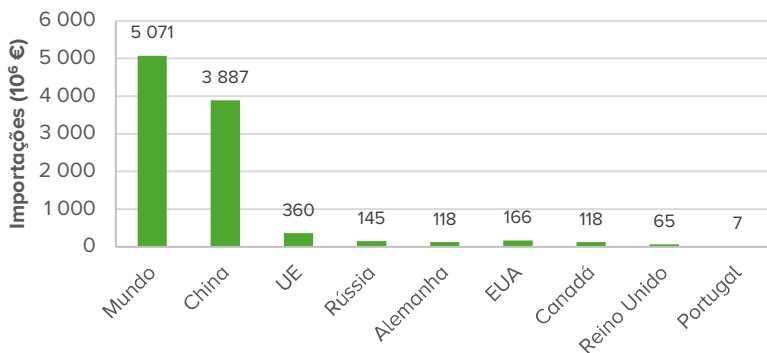
A China (incluindo Hong-Kong e Macau) é de longe o maior importador mundial de cereja com uma quota de 64%, comprando maioritariamente ao Chile na época do Hemisfério Sul (novembro a janeiro). A UE é o 2º maior importador de cereja, com uma representação de 13%, seguida pela Rússia com 9%. Na UE, a Alemanha é o maior importador com 4% de peso mundial e 31% dentro do espaço europeu, adquirindo cereja maioritariamente à Turquia (Figura 1.10 e 1.11).

A China, incluindo Hong-Kong e Macau, apresenta, em valor, uma quota de importação elevadíssima, na ordem de 77%, adquirindo mais de 3 mil milhões € de cereja. A uma distância enorme está a EU, como o 2º maior importador, com uma quota de 7%. A Rússia surge em 3º lugar com 3% de preponderância na aquisição mundial de cereja comprando maioritariamente à Turquia e ao Uzbequistão.



**Figura 1.10** – Importações mundiais de cereja em 2022.

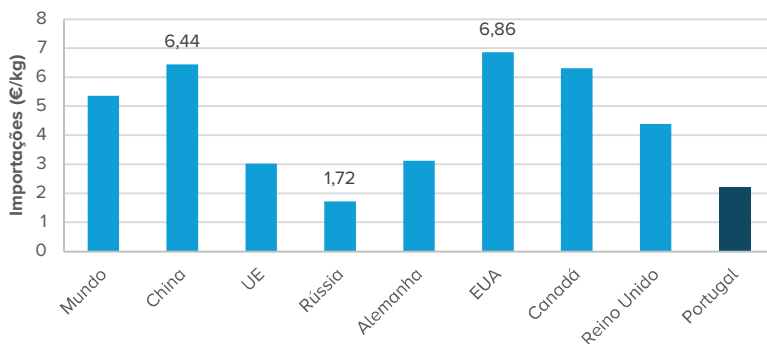
Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].



**Figura 1.11** – Importações mundiais de cereja em valor, em 2022.

Fonte: FAO (2025). [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

Os EUA apresentam a valorização unitária mais elevada no mercado de importação com 6,86€/kg seguidos pela China com 6,44€/kg e pelo Canadá com 6,30€/kg. Os três maiores importadores em preço, têm um denominador comum, o Chile, que tem a completa hegemonia do mercado do Hemisfério Sul, conseguindo preços muito elevados pela sua produção. A Rússia destaca-se pelas cotações mais baixas com valores próximos de 1,72€/kg (Figura 1.12).

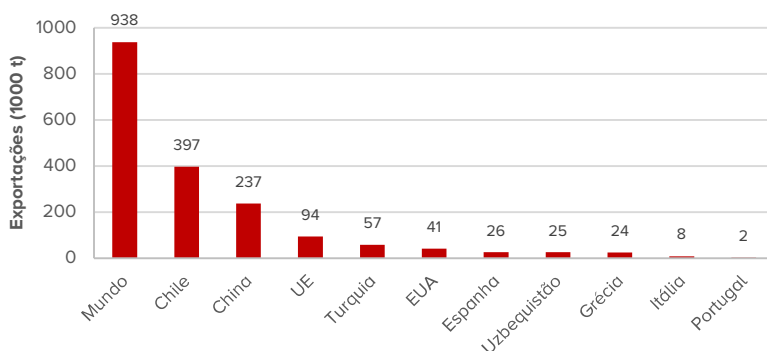


**Figura 1.12** – Valor no mercado de Importações mundiais de cereja (€/kg), em 2022.

Fonte: FAO (2025).

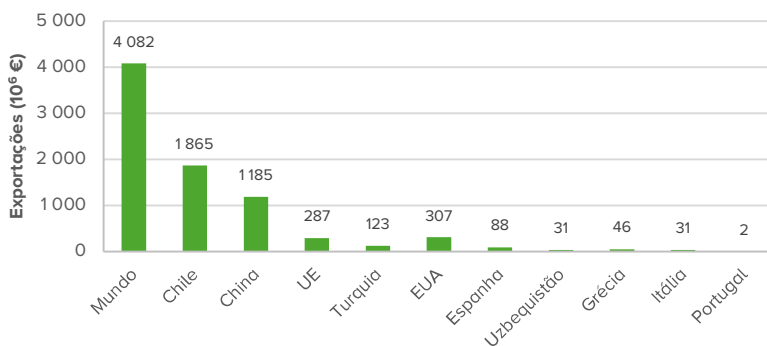
Relativamente ao mercado de exportação, o Chile domina, com uma preponderância de 42%, tendo ligações comerciais principalmente com a China e também com os EUA e Canadá. A China é o 2º maior exportador com

uma representação de 25%, seguida pela UE com 10%. As províncias de Hong-Kong e Macau realizam trocas comerciais com a China e entram no aglomerado das importações e exportações chinesas. A Turquia é o 3º maior exportador com um peso de 6% na exportação mundial com os principais destinos a serem a Rússia e a Alemanha (Figura 1.13).



**Figura 1.13** – Exportações mundiais de cereja, em 2022.

Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].



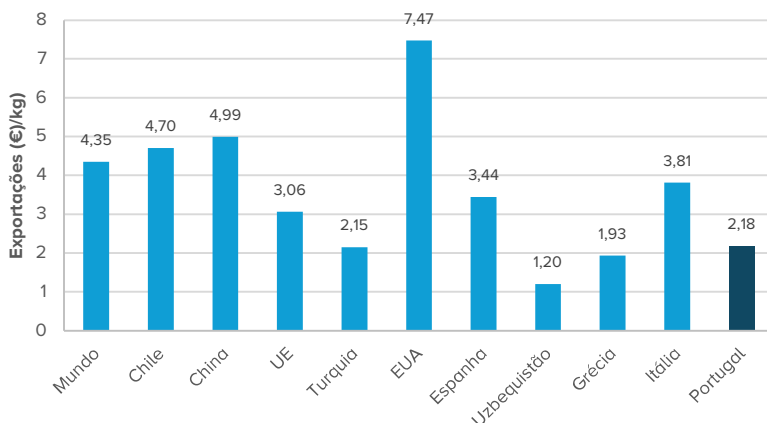
**Figura 1.14** – Exportações mundiais de cereja em valor, em 2022.

Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

O Chile regista uma quota em valor na exportação mundial de 46% com 1,8 mil milhões de euros, seguido pela China com 29% (1,1 mil milhões de euros). Nos valores chineses estão incluídas Hong-Kong e Macau. Os EUA fecham o pódio dos maiores exportadores em valor com 8% (307 milhões de euros) com o

vizinho Canadá a ser o principal destino. A UE é o 4º exportador com um peso de 7% na exportação global em valor sendo a Espanha o país do grupo com maior representatividade com 2% (mundial) e 30% do grupo (Figura 1.14).

Os EUA estão no topo da valorização unitária do comércio de exportação com 7,47 €/kg exportando principalmente para o Canadá, Coreia do Sul e para a China. A China segue em 2º lugar nos preços médios de exportação com 4,99 €/kg, sendo o Chile a fechar o pódio com 4,70 €/kg. O Uzbequistão é o país que apresenta os valores mais baixos tendo como principal mercado a Rússia.



**Figura 1.15** – Valor no mercado de exportações mundiais de cereja em preço (€/kg) em 2022.

Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

---

## A RETER

**Em 2022, a China (incluindo Hong-Kong e Macau) foi de longe o maior importador mundial de cereja com uma quota de 64%, comprando maioritariamente ao Chile na época do Hemisfério Sul.**

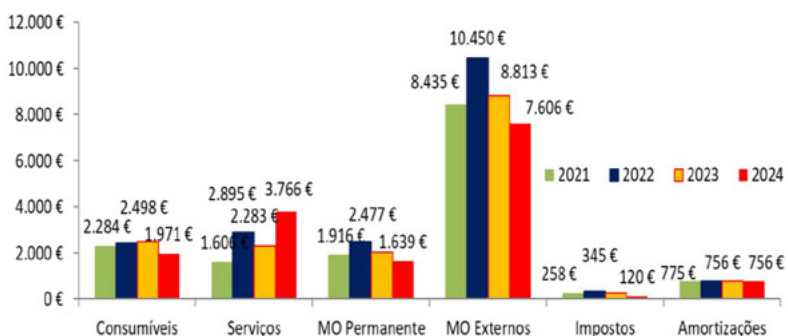
**O Chile dominou o mercado de exportação com uma preponderância de 42%, tendo ligações comerciais principalmente com a China e posteriormente com os EUA e o Canadá.**

---

### 1.2.3 Custos de produção da cereja

A sustentabilidade de uma atividade depende, em primeiro lugar, da sua rentabilidade económica, que, por sua vez, depende dos encargos e receitas que lhe são inerentes. A receita está associada com a produção, qualidade dos frutos e quota de valorização de mercado. A capacidade produtiva e qualidade dos frutos dependem do produtor e das condições climáticas de cada ciclo, mas a quota de mercado pode ser o fator decisivo da rentabilidade.

Tendo por base o trabalho desenvolvido pela Cerfundão, apresenta-se a estrutura de custos, em valor, da atividade produção de cereja por unidade de superfície (ha), para os ciclos 2021 a 2024 (Figura 1.16).



**Figura 1.16** – Custos de produção da cereja em valor (euros) por hectare de 2021 a 2024. Fonte: Cerfundão (2025).

O custo total de produção de cereja oscilou entre 15 858 €/ha e 19 421 €/ha, respetivamente para 2024 e 2022, considerado o valor mais baixo e mais elevado para o período 2021 a 2024. O custo mais baixo observado em 2024 advém de menor custo de mão de obra relacionado com baixa produção.

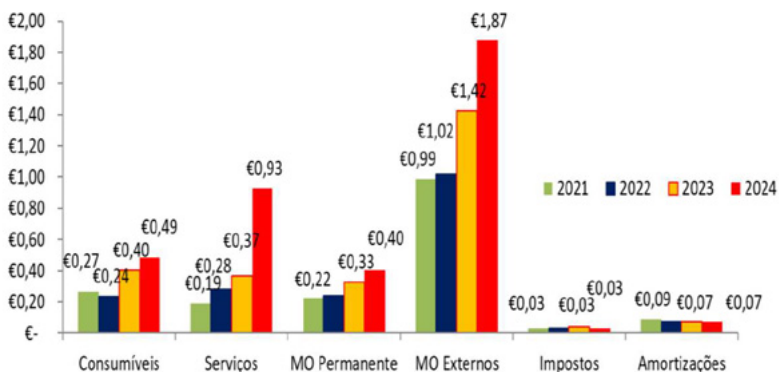
Tomando por base o ano 2024, no conjunto dos custos destaca-se o peso da mão-de-obra externa com uma preponderância de 7 606 €/ha, sendo de -1 200 €/ha em relação a 2023 e -2 800 €/ha relativamente a 2022, devido à quebra de produção observada já referida no início do capítulo. A mão-de-obra total representa 9 200 €/ha, decrescendo -3 600 €/ha comparativamente a 2022.

Os Serviços são a segunda rubrica com mais representação com 3.700 €/ha. A produtividade por hectare é determinante na definição dos custos.

Com base nos custos/ha e na produção média das parcelas que serviram de base a este estudo foi possível calcular o custo por kg de cereja (€/kg), que, permite avaliar de um modo rápido, a rentabilidade e viabilidade da atividade face aos preços de mercado, ou seja, à sua valorização.

A evolução dos custos, expressa em €/kg, está muito dependente do impacto das variáveis meteorológicas na produtividade por hectare, quer no sentido negativo quer positivo. É importante também assinalar o efeito nos custos de produção da inflação, que se reflete na subida da remuneração do trabalho e todos os restantes fatores de produção.

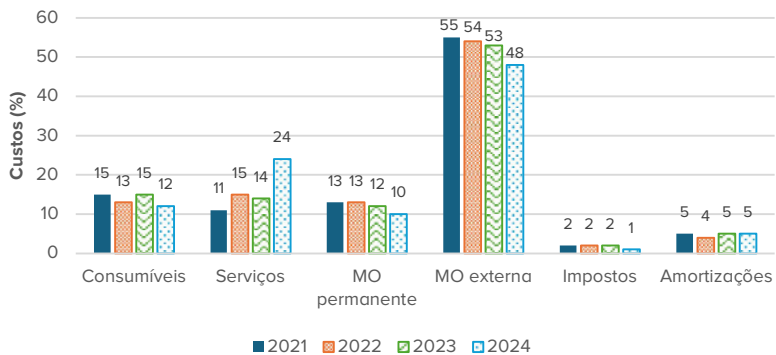
Em 2024, o custo de produção unitário foi de 3,79 €/kg, enquanto em 2021, foi de 1,79 €/kg, ou seja, foi de +111% (Figura 1.17).



**Figura 1.17** – Custos de produção da cereja em valor (euros) por kg de 2021 a 2024. Fonte: Cerfundão (2025).

Os valores apresentados tornam evidente que, em 2023 e 2024, se observou uma escalada no custo da mão-de-obra, a disparar para 1,42 €/kg e 1,87€/kg. Temos também de assinalar o custo crescente da mão-de-obra externa, que é utilizada essencialmente na colheita, com um crescimento de +0,88 €/kg (2024 relativamente a 2021), o que representa +88%, muito superior à inflação.

A mão-de-obra totaliza 58% do total do custo total de produção, apresentando a mão-de-obra externa um peso de 48% nos custos totais (Figura 1.18).



**Figura 1.18** – Percentagem das principais rubricas de custos de produção da cereja de 2021 a 2024. Fonte: Cerfundão (2025).

Na atividade de produção de cereja a disponibilidade de mão-de-obra é determinante na colheita, que é demorada pois se trata de um fruto pequeno, e, devido à sua perecibilidade tem de ser colhido num período muito curto, que pode ser de 2 a 3 dias/cultivar. Uma colheita tardia pode comprometer a qualidade dos frutos por perda de firmeza e, portanto, quebras no processamento pós-colheita e uma colheita antes do momento correto corresponde sempre a frutos de menor calibre e, portanto, com perda de rendimento para o produtor, quer pela valorização do calibre, quer pela quebra na quantidade total colhida.

O decréscimo gradual do peso da mão-de-obra nos custos total de produção, que se observou de 2021 a 2024 resultou da quebra de produção que se observou em 2023 e 2024.

Os Serviços são a segunda rubrica com mais relevância com 24% (Figura 1.14), sendo possível e desejável que haja medidas que visem diminuir este custo.

---

## A RETER

**O custo total de produção de cereja oscilou entre 15858 €/ha e 19421 €/ha, correspondendo a 3,79 €/kg, em 2024, e 1,79€/kg, em 2021, resultando num crescimento de 2,00€/kg em 3 anos (+111%).**

**A mão-de-obra externa pesa 48% nos custos totais que, somando com a mão-de-obra permanente, totalizam 58% do total de custos.**

---

## 1.3 Produção de pêsego

Em 2023 foram produzidas, no mundo, aproximadamente 27 milhões de toneladas de pêsego (Quadro 1.2) e Portugal ocupou a 38ª posição com um total de 34 580 toneladas e uma área ocupada pela cultura de 3 790 ha.

**Quadro 1.2** - Principais produtores de pêsego em 2023.

País	Produção		Área		Produtividade
	t	%	Há	%	t/ha
China	17 500 000	64,6	884 372	56,6	19,8
Espanha	1 381 780	5,1	68 940	4,4	20,0
Turquia	1 076 852	4,0	55 928	3,6	19,3
Itália	1 033 840	3,8	54 350	3,5	19,0
Estados Unidos da América	665 910	2,5	36 301	2,3	18,3
Portugal (38ª posição)	34 580	0,1	3 790	0,2	9,1
<b>Mundo</b>	<b>27 077 873</b>	<b>100</b>	<b>1 561 641</b>	<b>100</b>	<b>17,3</b>

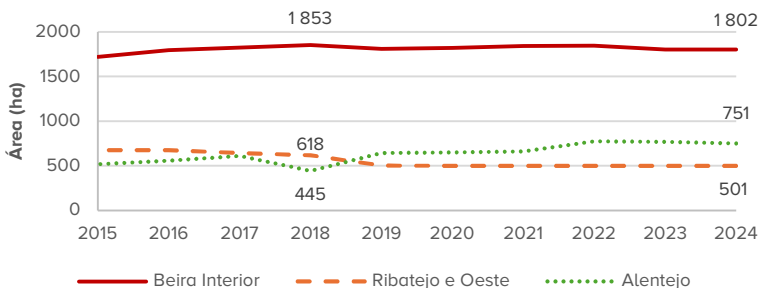
Fonte: FAOSTAT (2025). [<https://www.fao.org/faostat/en/>]

A China foi o maior produtor com 17,5 milhões de toneladas. Seguiram-se a Espanha e a Turquia com, respetivamente, 1,4 e 1,1 milhões de toneladas. A Espanha tem uma forte influência no mercado europeu e mundial.

A área mundial de produção de cereja foi de 27 milhões de ha, e a produtividade global é de 17,3 t/ha. De acordo com FAOSTAT (2025), a produtividade de pêsego em Portugal é de 9,1 t/ha, valor muito baixo, à semelhança do que ocorre com a cereja. A produtividade de pêsego foi aproximadamente metade da produtividade de pêsego em Espanha que foi de 20 t/ha.

É interessante notar que a produtividade dos 5 principais países de produção (China, Espanha, Turquia, Itália e Estados Unidos) é semelhante e compreendida entre 18,3 t/ha e 20 t/ha.

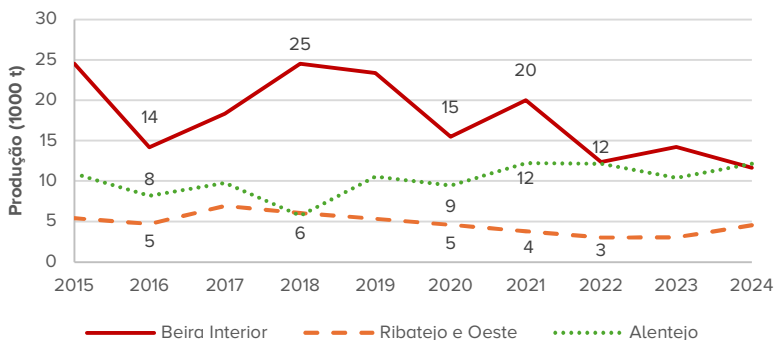
Em Portugal existem 3 principais regiões de produção, a Beira Interior, Alentejo e Ribatejo-Oeste, sendo que a Beira Interior é a principal região produtora de pêsego (Figura 1.19).



**Figura 1.19** – Evolução da área de produção de pêssigo das 3 principais regiões de produção de Portugal. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

A área ocupada pela cultura na Beira Interior tem-se mantido aproximadamente estável entre 2015 e 2024, com uma média de 1 811 ha.

A produção nem sempre acompanhou essa tendência devido, principalmente, a fatores meteorológicos adversos, observando-se quebras de produção em 2016, 2020, 2023 e 2024 (Figura 1.20).



**Figura 1.20** – Produção de pêssigo, no período de 2015-2024, das 3 principais regiões de produção de Portugal. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

Globalmente pode observar-se uma descida da produção de pêssigo na região da Beira Interior e uma manutenção na região do Ribatejo e uma tendência para subida no Alentejo.

Na Beira Interior a produção para além de bastante variável de ano para ano, desde 2018 que se verifica uma tendência decrescente que resulta não só de

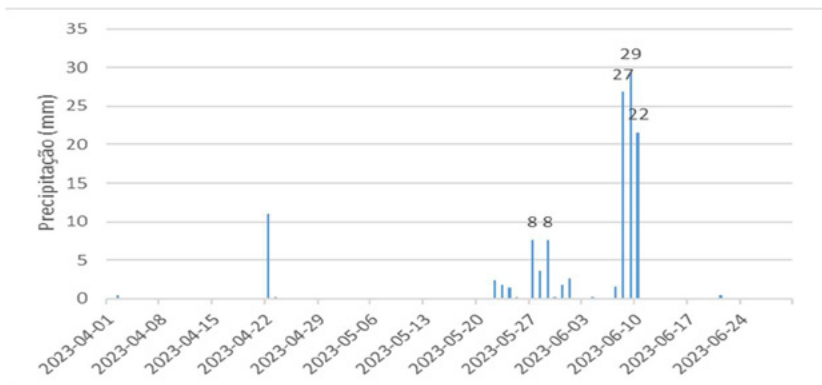
um aumento na frequência de fenômenos meteorológicos adversos, como do aumento da mortalidade das plantas, especialmente devido à incidência de cancro bacteriano (Canavarro et al., 2022).

No ciclo 2020, correspondendo ao ano do 1º confinamento por Covid19, ocorreu um pesado nevão em 31 de março (Figura 1.21), afetando, maioritariamente, o desenvolvimento dos frutos recentemente vingados, ou seja mesmo no início do desenvolvimento, que é uma das fases mais sensíveis às baixas temperaturas, tendo um efeito negativo quando ocorrem temperaturas de  $-0,5^{\circ}\text{C}$  durante períodos superiores a 30 minutos (Velarde, 1989). Sendo o pessegueiro uma planta heliófila, ou seja, que requer luz e calor, a ocorrência de temperaturas baixas tem um efeito negativo no desenvolvimento dos frutos e da planta. Podemos considerar que a ocorrência de neve em 30 de março é um fenômeno climático extremo, à semelhança do que foi referido para a cereja.



**Figura 1.21** – Grande nevão em 31 de março de 2020, que coincidiu com o início do desenvolvimento dos frutos na cultura do pessegueiro.

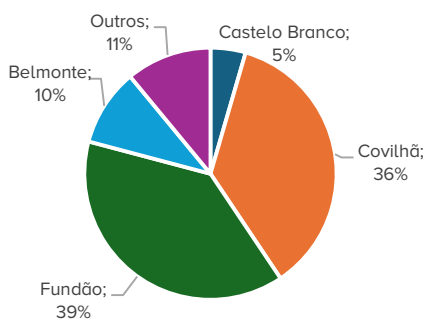
No ciclo 2024 também se observou uma quebra de produção na cultura do pessegueiro, embora não tão acentuado como na produção de cereja. Esta redução foi associada às condições meteorológicas adversas e pouco usuais na região, que foi a ocorrência de chuva intensa e durante dias consecutivos durante março e abril e se estendeu até junho. A precipitação levou a uma quebra na taxa de vingamento de um conjunto vasto de cultivares, mas, a persistente precipitação e temperatura baixa em maio e junho levou a fraco desenvolvimento das plantas e dos frutos, com quebras de produção (Figura 1.22).



**Figura 1.22** – Período prolongado de chuva durante maio e junho, período de desenvolvimento dos frutos, em 2024.

Na Beira Interior, a produção de pêsego localiza-se, principalmente, nos concelhos do Fundão (38,5%) e da Covilhã (36,1%) que representam, globalmente, 75% da área total dedicada à produção de pêsego desta região (Figura 1.22).

Observou-se um aumento do peso do concelho do Fundão, na área de pêsego da região, que passou de 36% em 2009 (Dias et al., 2016) para os atuais 39%, e, simultaneamente, ocorreu um decréscimo da área no concelho de Belmonte. Reforça-se que esta diminuição da área no concelho de Belmonte, associado ao decréscimo de produção referido



**Figura 1.22-** Distribuição da área ocupada por pomares de pessegueiro nos municípios da Beira Interior. Fonte: INE (2025) <https://www.ine.pt/>

anteriormente, está seguramente ligado à elevada mortalidade das plantas que se observa na região, especialmente na zona de aluvião junto ao rio Zêzere (Figura 1.23). Simultaneamente, assiste-se ao aparecimento de novos pomares na zona sul do concelho do Fundão, onde a incidência do cancro bacteriano é significativamente mais baixa (Canavarro et al., 2022).



**Figura 1.23** – Aspeto de um pomar a sul da serra da Gardunha (em cima) e a norte da Gardunha, na margem do rio Zêzere (em baixo), com elevado número de plantas mortas na linha da direita, devido ao cancro bacteriano.

---

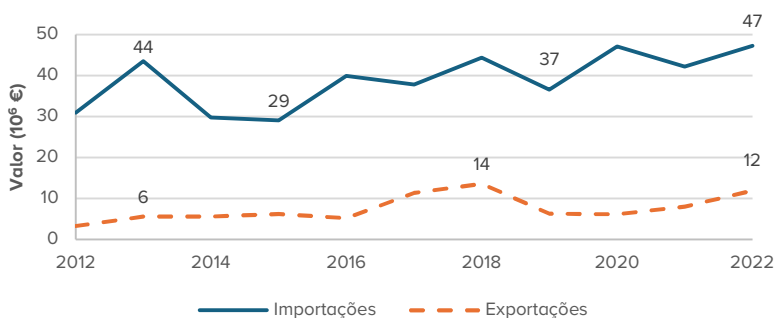
## A RETER

Em 2023, a área de produção de pêsego em Portugal foi de 3 790 ha e na Beira Interior foi de 1 811 ha. A produção de pêsego na Beira Interior atingiu um máximo de 25 000 t em 2018, mas caracterizou-se por um decréscimo de 2018 de produção, associada ao quadro de alterações climáticas, mas também à incidência e severidade de cancro bacteriano.

---

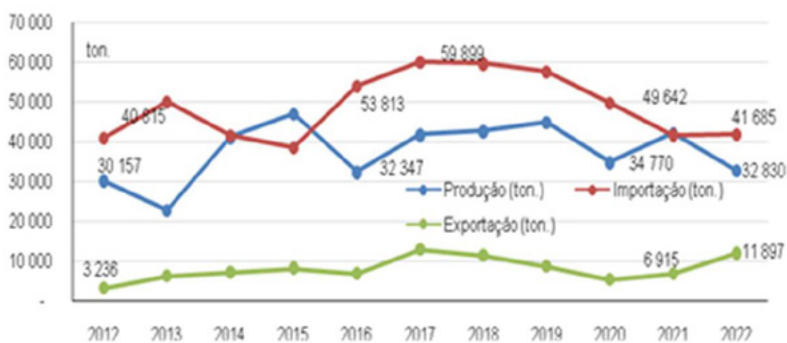
### 1.3.1 Balança comercial nacional do pêsego

O nosso País importou 47 milhões de € em pêsego no ano de 2022, o valor mais elevado da última década, observando-se uma tendência crescente desde 2016 a 2022 (Figura 1.24). As exportações representam 12 milhões de € resultando num défice comercial de 35 milhões de €, no ano 2022.



**Figura 1.24** – Balança comercial do pêsego nacional em valor (10<sup>6</sup> €) entre 2012 e 2022. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

Em 2022, as exportações apresentavam um volume de 11897 t, e as importações de 41685 t, cerca de 34% da produção (Figura 1.25).

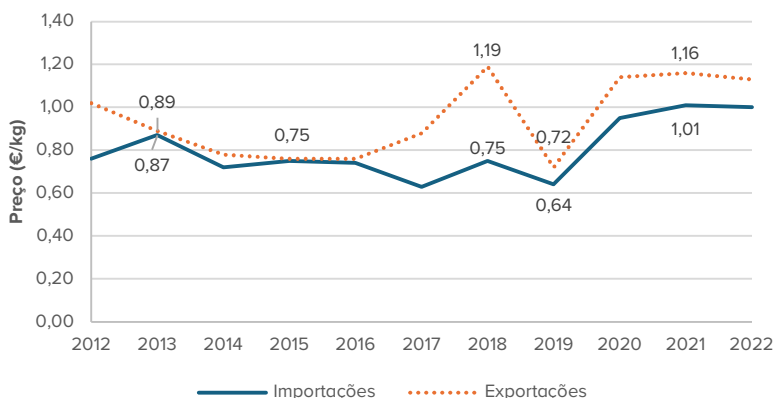


**Figura 1.25** – Balança comercial do pêsego nacional (t), entre 2012 e 2022. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

A balança comercial portuguesa na produção de pêsego é muito deficitária necessitando de importar 127% da sua produção, considerando os dados de 2022

(Figura 1.25). Se descontarmos as exportações, temos um nível de autoaproveitamento de 52%, existindo uma boa oportunidade para substituir importações pela produção própria.

Os preços médios de exportação não têm variado muito na última década (Figura 1.26), estando estabilizados em 1,00 €/kg (2020 a 2022), observando-se pequenas flutuações entre 2017 e 2020. O preço do pêssego importado desceu no período 2017 a 2019, onde atingiu um mínimo de 0,64 €/kg, seguindo-se uma subida em 2020, e estando estabilizado próximo de 1,00 €/kg de 2020 a 2022.



**Figura 1.26** – Balança comercial do pêssego nacional em preço (€/kg) entre 2012 e 2022. Fonte: INE (2025) [<https://www.ine.pt/>]

---

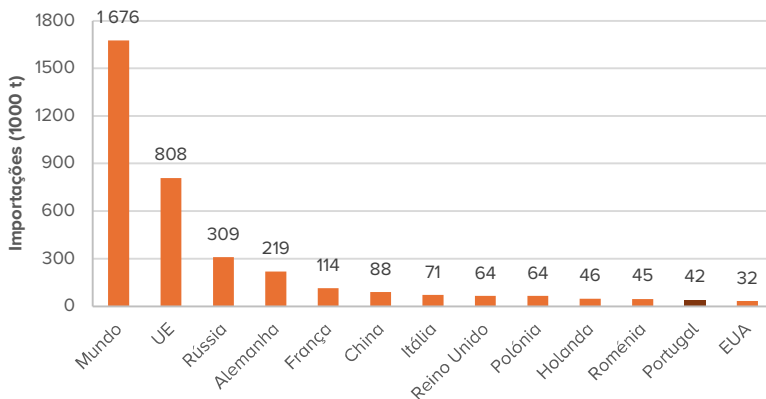
## A RETER

**Em 2022, Portugal importou 47 milhões de euros em pêssego tendo registado um défice comercial de 35 milhões de euros. Se descontarmos as exportações, temos um nível de autoaproveitamento de apenas 52%.**

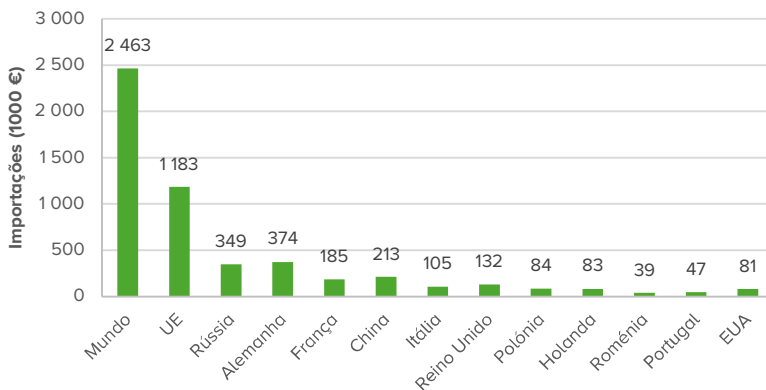
---

### 1.3.2 Balança comercial internacional do pêssego

O mercado mundial de importação de pêssego corresponde a 1,67 mil milhões t (Figura 1.27), correspondendo a 2,46 milhões de € (Figura 1.28).



**Figura 1.27** – Importações mundiais de pêsego em quantidade (t) em 2022.  
 Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].



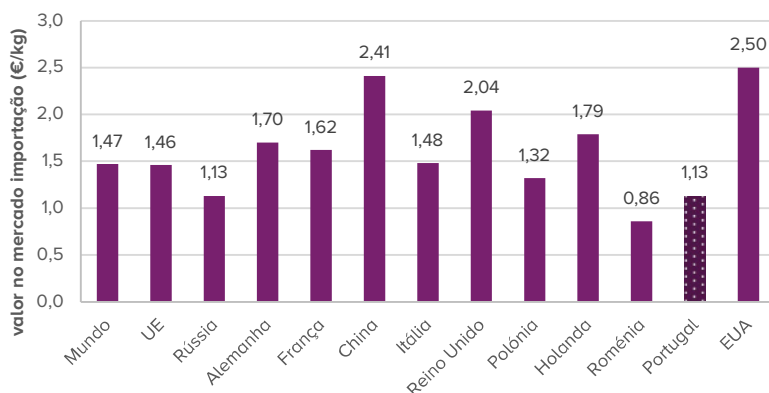
**Figura 1.28** – Importações mundiais de pêsego em valor (mil euros) em 2022.  
 Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

A UE representa 48% das importações de pêsego seguida pela Rússia com 18%. A Alemanha é o maior importador da UE com 13% de quota mundial, seguida pela França com 7%. A China sendo o maior produtor mundial ainda importa 5%. Temos de destacar também o Reino Unido com 4% do mercado de importação (Figura 1.27).

Em valor (Figura 1.28), a UE faz importações de mais de 1 mil milhão de € em pêssego, apresentando uma quota de importação na ordem de 48%.

Dentro da EU, a Alemanha é o maior importador em valor com 32% das importações da UE e 15% do Mundo. A Rússia surge em 4º lugar com 14% de preponderância na aquisição mundial de pêssego (Figura 1.28).

Os EUA apresentam a valorização unitária mais elevada no mercado de importação com 2,50 €/kg seguidos pela China com 2,41 €/kg e pelo Reino Unido com 2,04 €/kg. A Roménia, a Rússia e Portugal destacam-se pelas cotações mais baixas com valores de 0,86 €/kg e 1,13€/kg, respetivamente (Figura 1.29).

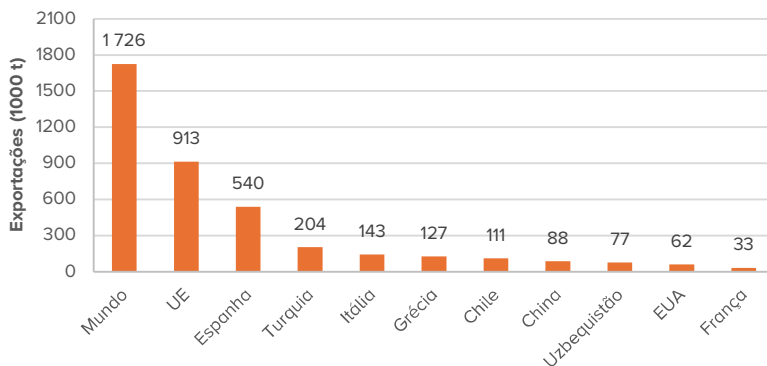


**Figura 1.29** – Valor no mercado de importações mundiais de pêssego em preço (€/kg) em 2022.

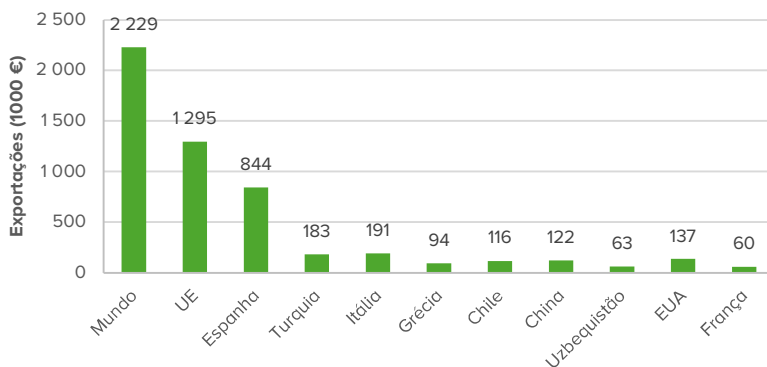
Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

A EU para além de ser o maior importador de pêssego (como já se referiu), apresenta, simultaneamente, a maior quota de exportação (Figura 1.30 e 1.31), representando 53% da quantidade mundial de pêssego, seguida pela Turquia com 12%.

Dentro da EU, a Espanha tem uma preponderância de 59% das exportações da UE e 31% das mundiais. A Itália e a Grécia representam 16% e 14% das exportações da UE e 8% e 7% da quota mundial (Figura 1.30).



**Figura 1.30** – Exportações mundiais de pêsego em quantidade (t) em 2022.  
 Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

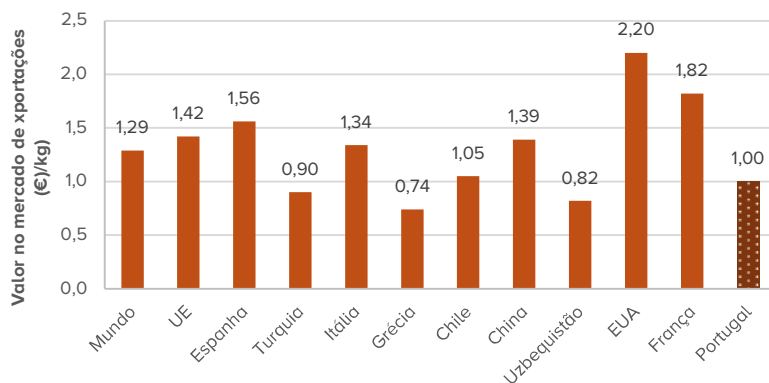


**Figura 1.31** – Exportações mundiais de pêsego em valor (1000 €) em 2022.  
 Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

Em termos monetários, o valor do mercado de exportação da UE corresponde a 1,3 mil milhões de €, que representa uma quota de 58% do mercado mundial. A Espanha é o país mais importante no mercado de exportação de pêsego, com um valor de 844 milhões de €, correspondendo a 65% de todas as exportações em valor dentro da EU e 38% a nível mundial.

A Turquia fecha o pódio dos maiores exportadores em valor com 8% (183 milhões de euros). A Itália e a Grécia representam 15% e 7% de quota de exportações da EU, respetivamente.

No mercado de exportação (Figura 1.32), os EUA estão no topo da valorização unitária do pêsego, com 2,20 €/kg. A França segue em 2º lugar nos preços médios com 1,82 €/kg, sendo a Espanha a fechar o pódio com 1,56 €/kg. A Grécia, o Uzbequistão e a Turquia são os países com os valores mais baixos de exportação com 0,74 €/kg, 0,82 €/kg e 0,90 €/kg. O valor unitário de exportação em Portugal é de 1,00 €/kg.



**Figura 1.32** – Valor no mercado de exportações mundiais de pêsego em preço (€/kg) em 2022.

Fonte: FAO (2025) [<https://www.fao.org/faostat/en/>].

---

## A RETER

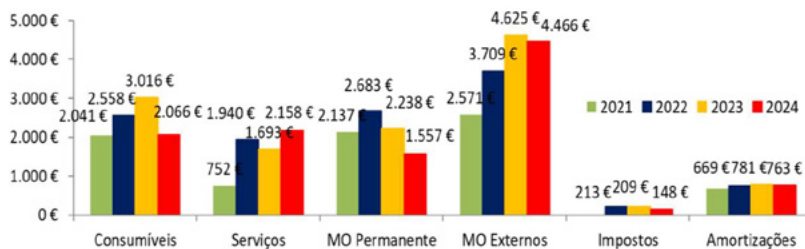
**Em 2022, A UE representava 48% das importações de pêsego seguida pela Rússia com 18%. A Alemanha foi o maior importador da UE com 13% de quota mundial seguida pela França com 7%.**

**A UE acumulou a maior quota de exportação com a da importação. Na primeira correspondia a 53% da importância mundial seguida pela Turquia com 12%. A Espanha tinha uma preponderância de 59% das exportações da UE e 31% das mundiais.**

---

### 1.3.3 Custos de produção do pêssego

Tendo por base o trabalho desenvolvido pela Cerfundão, apresenta-se a estrutura de custos, em valor, da atividade produção de pêssego, por unidade de superfície (ha), para os ciclos 2021 a 2024 (Figura 1.33).



**Figura 1.33** – Custos de produção do pêssego em valor (euros) por hectare de 2021 a 2024. Fonte: Cerfundão (2025).

O custo total de produção de pêssego oscilou entre 8'170 €/ha e 12'544 €/ha, respetivamente para 2021 e 2023, considerado o valor mais baixo e mais elevado para o período 2021 a 2024, observando-se um acréscimo de 35% no custo de produção.

Podemos dizer que o custo de produção do pêssego representa 50% a 65% do custo de produção da cereja.

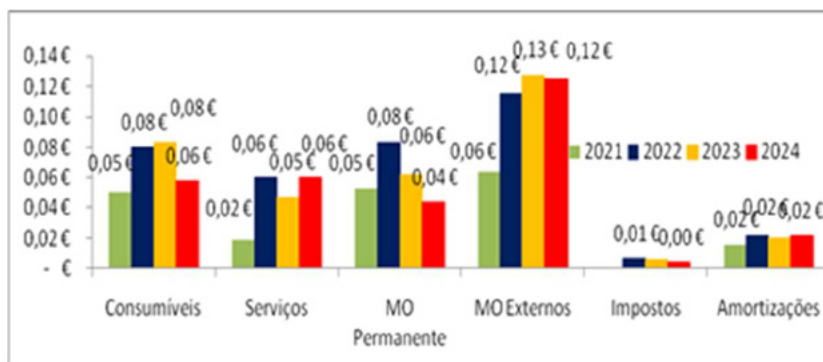
Na estrutura de custos de produção de pêssego, nas explorações agrícolas, realçamos, à semelhança da cereja, o custo mais importante é a mão-de-obra externa, que se situa, atualmente, na ordem dos 4'500 €/ha, com um ligeiro decréscimo, -159 €/ha, entre 2023 e 2024, devido à quebra de produção observada em 2024.

A mão-de-obra total representa 6'000 €/ha, tendo descido -840 €/ha de 2023 para 2024.

Os consumíveis, apresentam-se como o segundo grupo de custos mais importante, correspondendo a 2'000 €/ha a 3'000 €/ha (2021 a 2024), e aproximadamente 25% do total de custos.

Os Serviços são a terceira rubrica com maior peso, correspondendo a 752 €/ha em 2021 e a 2'157 €/ha, em 2024, sendo de realçar a tendência crescente no período em análise.

A evolução dos custos está muito dependente da produtividade por hectare, mas a análise de um período de 4 anos permite ter uma visão mais global considerando diversos ciclos com diferentes produtividades (Figura 1.34).



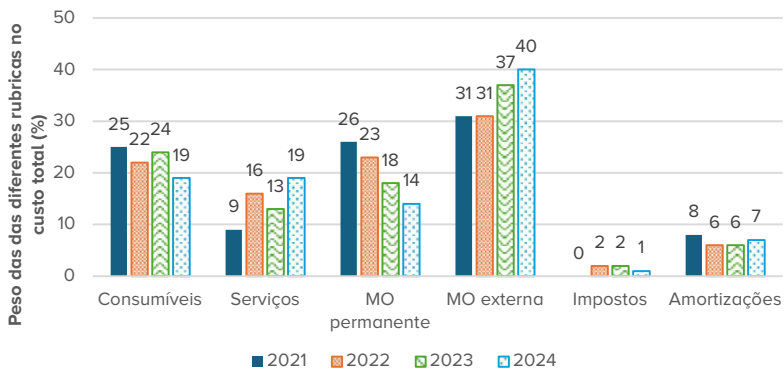
**Figura 1.34** – Custos de produção do pêssigo, em €/kg, de 2021 a 2024.  
 Fonte: Cerfundão (2025).

O custo unitário de produção de pêssigo foi de 0,31 €/kg, em 2024, enquanto em 2021 se posicionava em 0,20 €/kg, ou seja, de 2021 a 2024 observou-se um aumento de +55%, o que coloca em risco a sustentabilidade da atividade pois não se tem assistido ao correspondente aumento da valorização do pêssigo. Realçar que o custo foi de 0,33 €/kg, em 2023, ciclo onde a produção foi um pouco mais alta.

A mão-de-obra externa destaca-se por ser o custo mais relevante com 0,12 €/kg. Os Serviços e os Consumíveis estão muito equivalentes, com 0,06 €/kg. Os Consumíveis conseguiram uma poupança interessante, comparando 2024 em relação a 2023, apresentando um decréscimo de -0,02 €/kg.

Analísado o peso percentual de cada rubrica de custos (Figura 1.35), verifica-se que a mão-de-obra externa corresponde a 40% do custo unitário que somando com a mão-de-obra permanente, totaliza 54%, e esta rubrica cresceu 9% desde 2021. Importante realçar que se verifica uma diminuição do peso da mão-de-obra permanente, com um decréscimo de 12% desde 2021.

Os Consumíveis são a segunda rubrica com mais preponderância com 19%, descendo -7%, desde 2021, em representatividade.



**Figura 1.35** – Percentagem das principais rubricas de custos de produção do pêssego de 2021 a 2024. Fonte: Cerfundão (2025).

## A RETER

O custo total de produção de pêssego oscilou entre 8170 €/ha e 12544 €/ha, correspondendo a 0,31 €/kg, em 2024, enquanto foi de 0,20 €/kg, em 2021, correspondendo a um crescimento +55%.

A mão-de-obra externa pesa 40% nos custos totais que, somando com a mão-de-obra permanente, totalizam 54% do total de custos, observando-se que esta rubrica teve um aumento de 9%, no período 2021 a 2024.

## 1.4 Considerações finais

A Fileira das Prunóideas na Beira Interior representa mais de metade da produção nacional de cereja e de pêssego, com duas denominações de referência de qualidade e de excelência como são a **Cereja do Fundão, IGP** e o **Pêssego da Cova da Beira, IGP**, com forte impacto e importância para a economia regional e também nacional, que, segundo dados do INE, têm uma preponderância próxima de 30% (a cereja com 24% e o pêssego com 6%) no Valor Acrescentado Bruto (VAB) do sector agrícola da região das Beiras e Serra da Estrela.

A Beira Interior apresenta condições edáficas e climáticas que se adequam à produção de Prunóideas e, em particular, de cereja e pêssego. Para além disso, a tradição de cultivo frutícola desta região originou um elevado conhecimento técnico associado à gestão da cultura e permitiu desenvolver circuitos de distribuição importantes para o escoamento da produção.

No entanto, as variáveis meteorológicas nos últimos anos têm impactado negativamente na produtividade penalizando fortemente a rentabilidade económica das explorações agrícolas. Adicionalmente, temos de assinalar o efeito indireto de arrastamento quer da pandemia quer das tensões geopolíticas internacionais sobre o aumento dos custos de produção, derivado da pressão inflacionista, com a consequente subida dos preços dos fatores de produção e da remuneração do trabalho.

Este efeito cumulativo de fatores pressionam a rentabilidade das explorações agrícolas lançando fortes desafios ao futuro da produção na tentativa de se adaptarem a todas estas circunstâncias negativas.

As duas fileiras deverão procurar formas de mitigar os efeitos negativos da instabilidade e da imprevisibilidade das variáveis climáticas na sua produção recorrendo às novas tecnologias, equipamentos e estruturas com efeito protetor, preventivo e defensivo. Os pomares também deverão ser adaptados para serem mais resilientes e para permitir baixar os custos de produção, com especial destaque para os custos do trabalho, e, simultaneamente, aumentar a produtividade por hectare, quer através de sistemas de condução mais eficientes, quer pela utilização de cultivares e porta-enxertos mais adaptados e produtivos, começando pela escolha criteriosa do local de plantaçaõ devidamente adequado à cultura a instalar e uma utilização mais rigorosa dos fatores de produção através de uma monitorização mais pormenorizada da fisiologia das culturas com recurso às novas tecnologias.

Perante todo este contexto, vislumbram-se tempos desafiantes, que certamente irão testar a capacidade empreendedora e resiliente destas duas importantes fileiras, mas a tradição do cultivo frutícola desta região e o saber fazer da produção originaram conhecimento técnico acumulado, que permitirá ultrapassar as adversidades de forma abnegada para continuar a fazer chegar ao consumidor final frutos de elevada qualidade, espelhado na notoriedade e diferenciação destas duas denominações.

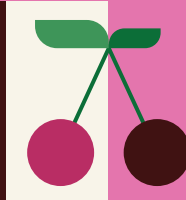
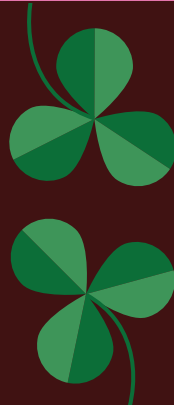
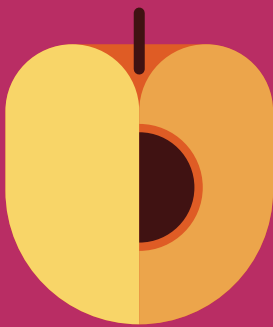
## Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto P2-Resilis, N.º 10/C05-i03/2021 – PRR-C05-i03-I-000104), financiado pelo PRR- RE-C05-i03 – Agenda de investigação e inovação para a sustentabilidade da agricultura, alimentação e agroindústria.

Este trabalho recebeu também o financiamento do CERNAS UID/681/2025 (DOI: 10.54499/UIDP/00681/2020) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da bolsa de doutoramento 2020.06010.BD.

## Referências bibliográficas

- Abreu, J.P.M. 2018. Agrometeorologia – Aplicação da meteorologia para maximizar a produção agrícola. Agrobok, Quântica Editora, Porto. ISBN 978-989-892-7200
- Canavarro, C.; Luz, J.P.; Barateiro, A.; Ramos, C.; Lopes, S.; Fragoso, P.; Vieira, F.; Silvino, P. e Simões, M.P. Incidência e severidade do cancro bacteriano em pessegueiros na região da Beira Interior. In Simões, M.P. (coord.). 2022. PrunusFITO – Proteção fitossanitária nas culturas de cerejeira e pessegueiro. Centro Operativo e Tecnológico Hortofrutícola Nacional – Centro de Competências, Volume II. ISBN 978-972-8785-20-8. p. 16-51.
- Cerfundão. 2025. Cerfundão. Acedido a 2025-10-17 em <https://www.cerfundao.pt/pt/home>
- Dias, C., Alberto, D. e Simões, M.P. 2016. Produção de pêssego e nectarina na Beira Interior. In Simões, M.P. (coord.). +pêssego – Guia Prático da Produção. Centro Operativo e Tecnológico Hortofrutícola Nacional: 15-31. ISBN 9789728785048.
- FAO (2025). FAOSTAT. Acedido a 2025-10-17 em <https://www.fao.org/faostat/en/>
- Horta, C. 2016. Normal Climatológica 1986-2015. Posto Meteorológico Escola Superior agrária de castelo Branco. Edições IPCB. ISBN: 978-989-8196-65-1
- INE (2025). Instituto Nacional de Estatística. Acedido a 2025-10-17 em <https://www.ine.pt/>
- Simões, M.P. 2023. Baixa taxa de vingamento da cereja em 2023. Quais as causas? Voz do Campo, Junho: 22-23.
- Velarde, F. Gil-Albert. 1989. Tratado de arboricultura frutal. Vol II – La ecología del árbol frutal Fruticultura. Ed. Mundi-Prensa, Madrid.



Financiamento:



Parceiros:

